

ANÁLISE DOS RESULTADOS EDUCACIONAIS DO TEXTO: EPISTEMOLOGIAS DO SUL: DA COLONIALIDADE À DESCOLONIALIDADE DE BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS E MARIA PAULINA MENESES

Ana Christina de Sousa Damasceno ¹
Christiana de Sousa Damasceno ²
Maria dos Remédios Nunes da Costa ³
Silvia Maria de Oliveira Ribeiro ⁴

INTRODUÇÃO

A busca que orienta e conduz o conhecimento possui uma centralidade da cultura humana. Porém, o largo espaço dos questionamentos que são conduzidos pelo pensamento filosófico, vai além da racionalidade moderna, com as suas zonas de escuridão e clareza, as suas fortalezas e dificuldades.

A humana e cultural relação colonial que elucidam ações de exploração e dominação persistem nos dias atuais, sendo talvez o centro da colonização epistêmica o ponto mais difícil de se criticar abertamente.

Desta maneira, o problema da pós-colonialidade passa por uma revisão crítica de conceitos que foram hegemonicamente definidos pela racionalidade moderna, como sejam em seus aspectos históricos, culturais ou de conhecimento, partindo de uma abordagem de subalternidade.

Os cenários pós-coloniais desenvolveram-se no mundo de formas distintas. A diversidade da América do Sul difere da que ocorre na África ou nos demais contextos

¹ Doutoranda em Ciências da Linguagem (UNICAP); Mestre em Letras (UESPI); Especialista em Educação Infantil (UESPI) e em Gestão Municipal de Educação (UFPI); Graduada em Pedagogia (FAP/UNINASSAU) e em Letras/Português (UESPI). Professora Educação Básica da SEMEC/Caxingó e do Ensino Superior na Faculdade de Ensino Superior de Parnaíba (FAESPA), e-mail: anachristinadamasceno@gmail.com;

² Mestranda em Ciências da Educação pela UTIC – PY. Pedagoga, Especialista em Psicopedagogia pelo INTA – Ce. Professora da SEDUC/Parnaíba e da UNIP/Parnaíba, e-mail: tiachrisphb@gmail.com;

³ Especialista em Metodologia de Língua Portuguesa e Literatura pelo INTA, Graduada em Letras/Português pela UESPI, remedios-costa@hotmail.com;

⁴ Especialista em Psicopedagogia (UVA); em Docência do Ensino Superior (UVA); LIBRAS (FAERPI) e Educação Especial (FAERPI). Graduada em Pedagogia (FAP). Professora da FAESPA. silviapascoapi@hotmail.com.

européus. Pois, dentro de cada uma dessas culturas existem inúmeros fatos e culturas que as tornam particularmente distintas e únicas.

Assim, a presença de distintas lógicas e pensamentos, necessita a possibilidade de diálogo e de comunicação entre culturas. A tradução intercultural, como proposta metodológica, aponta o Sul global como um conjunto de epistemologias, extremamente dinâmicas.

Nessa perspectiva (2007) afirma que a reflexão abissal continuará a auto-reproduzir-se, por mais excludentes que sejam as práticas que origina, a menos que se defronte com uma resistência ativa.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Apresentamos esta pesquisa como uma análise bibliográfica do livro: epistemologias do sul: da colonialidade à descolonialidade de Boaventura de Sousa Santos e Maria Paulina Meneses, aonde apresentamos uma análise educacional dos processos regulação/emancipação e apropriação/violência e do cosmopolitismo subalterno para a educação.

REFERENCIAL TEÓRICO

A expressão *Epistemologias do Sul* é uma metáfora alusiva ao sofrimento, da exclusão e do silenciamento de povos e culturas que, ao longo da História, foram dominados pelo capitalismo e colonialismo. Processo esse que conduziu uma dinâmica histórica de dominação política e cultural submetendo à sua visão etnocêntrica o conhecimento do mundo, o sentido da vida e das práticas sociais. Afirmção, afinal, de uma única ontologia, de uma epistemologia, de uma ética, de um modelo antropológico, de um pensamento único e sua imposição universal.

As linhas estão mudando. As divisões já não são tão claras como os meridianos. Sua tentativa de compreender é a epistemologia do sul = trabalho conjunto. O movimento principal é o regresso do colonial e o regresso colonizador. Assim as linhas abissais são trancadas no sentido literal (vedação da civilização e selvageria) como metafórico. O regresso colonizador implica formas de governos coloniais também nas formas de

governo metropolitano. Entra a forma de governo indireto (privatizações). A sociedade começa a se transformar em fascismo, os três principais fascismos:

Fascismo do apartheid social: estes existem em vários níveis. A antiga dominação dos dominantes e dominados se multiplicou, hoje o seminário, apartamento se torna fascismo do apartheid social pois existe os fora e os dentro.

Fascismo contratual: a parte mais fraca, vulnerabilidade por não ter alternativa, aceita as condições que são impostas pelos poderosos.

Fascismo territorial: o próprio ambiente me proporciona um mal-estar. Território x camponeses sem terra (SANTOS, 2007).

Esses tipos de fascismo implicam em um estado de natureza, implicando, também, em duas formas de contrato social: a) pós-contratual: expulsa os grupos sociais tirando os seus direitos; b) pré-contratual: bloqueia o acesso a civilização.

Um novo modo de Governo: Governo indireto: (está presente na mídia pelo poder econômico, de forma a induzir o público à atuação política de uma concepção capitalista), é uma forma de despotismo liberal, mas que não choca com a democracia liberal. A primeira transformação foi quando a propriedade sobre as coisas se expandiu. Assim, o pensamento abissal se encontra em mudanças: ex: no que cabe ao conceitual: a lógica apropriação/violência emerge um novo tipo de direito (direito mole), ou seja, a manifestação benevolente da emancipação/regulação traz consigo a apropriação/violência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O pensamento abissal moderno tem vindo a ser chamado para regular as relações entre cidadão e estado. Agora trabalha por meio da apropriação/violência e do governo indireto. Os cidadãos são considerados como se fossem meros animais. A linha abissal que distinguia o metropolitano no colonial agora sumiu e o colonial fica numa dimensão interna do metropolitano.

A resistência política deve ter como postulado a resistência epistemológica. Não existe justiça social global sem justiça cognitiva global. Isso significa que a tarefa crítica que se avizinha não pode ficar limitada à geração de alternativas. É preciso um novo pensamento, uma concepção pós-abissal. A investigação sobre essas condições explica a atenção a um contra-movimento que resulta do abalo que as linhas abissais globais vêm

sofrendo desde os anos 1970 e o que se designa como “cosmopolitismo subalterno”, por Santos (2007).

O denominado “cosmopolitismo subalterno” contém uma promessa real. Para se apropriar é necessário realizar aquilo que se chama de “sociologia das emergências”, a qual consiste em uma amplificação simbólica de sinais, pistas e tendências latentes que, embora dispersas, embrionárias e fragmentadas, apontam para novas constelações de sentido referentes tanto à compreensão como à transformação do mundo.

O cosmopolitismo subalterno se manifesta mediante os diversos movimentos e organizações que configuram a globalização contra-hegemônica, lutando contra a exclusão social, econômica, política e cultural gerada pelo mais recente movimento, denominado como “globalização neoliberal”.

Tendo em mente que a exclusão social sempre é produto de relações de poder desiguais, essas iniciativas são animadas por um “ethos” redistributivo no sentido mais amplo da expressão.

Compreendendo todos os recursos materiais, sociais, políticos, culturais e simbólicos, baseados nos princípios da igualdade e do reconhecimento das diferenças. Diante do exposto, Santos (2007) revela que desde o início deste século, o Fórum Social Mundial tem sido a expressão mais cabal da globalização contra-hegemônica e do cosmopolitismo subalterno.

Entre as entidades que dele participam, os movimentos indígenas são aqueles cujas concepções e práticas representam a mais convincente emergência do pensamento pós-abissal, o que é muito auspicioso para a possibilidade deste pensamento. Já que os povos indígenas são os habitantes paradigmáticos do outro lado da linha, no campo histórico do paradigma “apropriação e violência”.

A novidade do cosmopolitismo subalterno reside acima de tudo em seu profundo sentido de incompletude, sem contudo ambicionar a completude. Por um lado, defende que a compreensão do mundo excede largamente a compreensão ocidental do mundo, e que a nossa compreensão da globalização é muito menos global do que a própria globalização.

Por outro lado, Santos (2007) defende que quanto mais compreensões não-ocidentais forem identificadas mais evidente se tornará o fato de que ainda restam muitas outras por identificar, e que as compreensões híbridas, com elementos ocidentais e não-ocidentais, são virtualmente infinitas.

Santos (2007) registra que o pensamento pós-abissal parte do reconhecimento de que a exclusão social, no seu sentido mais amplo, assume diferentes formas conforme seja determinada por uma linha abissal ou não-abissal.

E, da noção de que enquanto persistir a exclusão, definida abissalmente não será possível qualquer alternativa progressista. Durante um período de transição, confrontar a exclusão abissal será um pré-requisito para abordar de modo eficiente as muitas formas de exclusão não-abissal que têm dividido o mundo moderno.

O reconhecimento da persistência do pensamento abissal é condição indispensável para começar a pensar e a agir para além. Sem esse reconhecimento, o pensamento crítico permanecerá um pensamento derivativo, que continuará a reproduzir as linhas abissais por mais anti-abissal que se autoprocrame.

O pensamento pós-abissal é um pensamento não-derivativo, pois envolve uma ruptura radical com as formas conhecidas de elaboração da modernidade ocidental.

A ecologia de saberes se baseia na ideia de que o conhecimento é inter-conhecimento. A primeira condição para um pensamento pós-abissal é a “co-presença radical”. A co-presença radical significa que práticas e agentes de ambos os lados da linha são contemporâneos em termos igualitários.

Implica conceber simultaneidade como contemporaneidade, o que requer abandonar a concepção linear de tempo. A co-presença radical pressupõe a abolição da guerra, que com a intolerância, constitui a negação mais radical da co-presença.

Como ecologia de saberes, o pensamento pós-abissal tem por premissa a ideia da inesgotável diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, as reflexões implicam renunciar a qualquer epistemologia geral. Existem em todo o mundo não só diversas formas de conhecimento da matéria, da sociedade, da vida e do espírito, mas também muitos e diversos conceitos e critérios sobre o que conta como conhecimento. Em meio ambiente, mais amplamente falando, esta ecologia de saberes ganha ampla dimensão.

Mas, o contexto cultural em que se situa a ecologia de saberes é ambíguo. Por um lado, a ideia da diversidade sociocultural do mundo se fortaleceu nas três últimas décadas,



favorecendo o reconhecimento da pluralidade epistemológica como uma de suas dimensões.

Por outro lado, se todas as epistemologias partilham as premissas culturais do seu tempo, uma das mais bem consolidadas premissas do pensamento abissal talvez seja, ainda hoje, a da crença na ciência como única forma de conhecimento válida e rigorosa.

Palavras-chave: Epistemologia; Colonialismo, Sul, Educação.

REFERÊNCIAS:

MENESES, Maria Paula Meneses. **Epistemologias do Sul**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 80 | 2008, p. 5-10.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**, Novos estud. – CEBRAP n. 79 São Paulo nov. 2007, <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>. Acesso em 02 de fevereiro de 2020.